

ROTHA

Cultural

Jornalismo para preservar histórias,
memórias e identidades

Edição nº 11 - Abril 2024

60

ANOS

João Monlevade

 /ROTHACULTURAL

FOTO: MARLEY MELO

Conheça mais sobre o município
e algumas curiosidades

Leia na página 8

Volta histórica valoriza patrimônios

Evento integra programação dos 60 anos de João Monlevade, reúne cultura e esporte, além de atrair olhares para o centro histórico da cidade

Celebrando o aniversário da cidade, em 29 de abril, um dos eventos para comemorar os 60 anos de João Monlevade, é a realização da Volta Histórica. O evento, em sua segunda edição, valoriza e resgata o olhar para o Patrimônio Histórico do município.

Isso, porque o percurso é repleto de bens patrimoniais fundamentais para a história do município: Solar Monlevade, o antigo Hotel Cassino; Hotel Monlevade e Hotel Siderúrgica, a antiga rodoviária e os sobrados da Beira Rio, conjunto Rua Paraúnas, Escola Estadual Santana e largo da Igreja São José Operário, próximo à gruta de Nossa Senhora de Lourdes.

Neste ano, cerca de 1,16 mil atletas participaram do evento na manhã de domingo (14). Com quatro quilômetros de percurso, os atletas saíram da Fazenda Solar e passaram pelos principais pontos, devidamente identificados.

FOTO: MARLEY MELLO



Corrida e Caminhada Volta Histórica aconteceu na região do Centro Histórico de João Monlevade

CIRCUITO CULTURAL

Após o evento, o largo da matriz recebeu, por mais um ano, o Circuito Cultural. No local, feirinha gastronômica e áreas de recreação infantil. Para animar, ainda houve a apresentação do grupo de pagode Degradê e o show "Baile da Dri". A Orquestra Big Band ficou de se apresentar, mas como houve problema no fornecimento de energia por mais de quatro horas, a apresentação foi adiada.

A Câmara Municipal se orgulha em fazer parte desta história.

Neste mês de abril, João Monlevade celebra 60 anos, marcados pelo progresso e transformação.

Nessa jornada, a Câmara Municipal tem um papel importante, com a aprovações de leis e projetos, além de promover iniciativas que impulsionam o desenvolvimento da cidade.

Um trabalho que abraça a essência da cidadania, de um futuro promissor e da celebração da nossa rica diversidade.

Parabéns, João Monlevade, por ser orgulho para os monlevadenses.

Câmara Municipal de João Monlevade
Câmara forte, cidade forte!

Selo Postal produzido pela Câmara em homenagem aos 60 anos da cidade

EXPEDIENTE: JORNAL ROTH CULTURAL - Fundador e editor: Erivelton Braz

Rotha Cultural - Publicação da Rotha Assessoria LTDA

Rua Betim, 295, Lourdes – João Monlevade - MG - CEP: 35930-063 / Tel: (31) 98484-1352/ rothaassessora@yahoo.com

CNPJ: 27.510.172/0001-61 - Distribuição gratuita dirigida - Tiragem: 1.000 exemplares

João Monlevade, Médio Piracicaba, Brasil e Mundo - Diagramação e arte: Guilherme Bessa

Colaboradores desta edição:

Jairo Martins
Marcos Martino
Marley Mello

A praça é do povo como o céu é do condor!

(Castro Alves)

João Monlevade 60 anos: Diogo Nogueira, Zeca Baleiro e Thalles Roberto e artistas locais na Praça do Povo

REPRODUÇÃO



Várias atrações culturais celebram o aniversário de João Monlevade entre os dias 27 e 29 de abril. As apresentações artísticas têm como destaque os shows dos cantores: Zeca Baleiro, no sábado (27); Diogo Nogueira, no domingo (28) e Thalles Roberto, na segunda-feira (29), dia do aniversário da cidade. Todos os shows serão gratuitos, na Praça do Povo, em Carneirinhos, a partir das 21h.

ARTISTAS LOCAIS

A Praça do Povo também receberá atrações artísticas locais durante as festividades do aniversário da cidade. No dia 27, às 16h, se apresenta o Circo Tá No Ar. Às 17h, será a vez do som do Soul do Jotta. Já a partir das 19h, sobe ao palco o grupo Zé Mauro e Banda.

No dia 28, às 16h, acontece o show dos Mpb-zinhos - Espetáculo Musical Circense Infantil. Já às 17h, será a vez do cantor Rômulo Ras apresentar o show que celebra seus 40 anos de carreira. Logo após,

às 19h, a banda do Então Brilha se apresenta.

No dia 29, das 15h às 21h acontece o Festival de Bandas Gospel, antecedendo o show do cantor Thalles Roberto.

ROCK NA RUA E ENCONTRO DE MOTOCICLISTAS

Também integraram as comemorações do aniversário de Monlevade, o tradicional Rock na Rua e o Encontro de Motociclistas, que movimentaram a Praça da Paz, no bairro Vila Tanque. As bandas Granada, Lucas Frias e Banda e Rubão, com tributo ao Charlie Brown Jr., tocaram na sexta-feira (12). No sábado (13), o evento teve as apresentações das bandas Kleopatra, da cidade de Pompéu; Maiden Years, de Conceição do Rio Verde; Blue Over Red, Bruno Rock&Blues, upibikinis e Guerra Trio, de João Monlevade, fizeram a festa.

Fantasia sobre o Solar Monlevade

(*) Por Jairo Martins

Sou um escritor mais ou menos experiente mas não posso atinar com certeza o porquê de, nós, idosos, lembrarmos-nos de fatos que se perderam no tempo de nossas vidas com maior distinção de detalhes do que há sessenta, setenta anos passados. Isso pode ter sido uma maldição, ou uma benção destinada pelo Criador, exclusivamente, a nós, humanos, e que, talvez, tenha algo a ver com o envelhecimento de alguns neurotransmissores dos lóbulos esquerdos dos nossos cérebros (sede das nossas memórias e das nossas ideias de futuro!). Aproveitando, também dizem alguns doutores de Harvard que, por outro lado, a maior parte dos nossos neurônios não muda muito depois de nascermos, e que, como animais portadores de inteligência flexível que somos, eles apenas se aprimoram com o desenvolvimento das nossas linguagens e experiências de vida, não apenas pessoais, como também as herdadas ao longo de séculos e séculos de importantes mutações genéticas. Então talvez seja esse o motivo porque, contraditoriamente, em termos inconscientes, permanecemos basicamente os mesmos desde os cinco aos setenta e cinco anos, que é o meu caso.

Fato é que, na altura dos meus tantos anos de que lhes falei, particularmente lembro-me, hoje, com muito mais clareza, e muito mais intensamente, das sensações enigmáticas que, durante minha infância, passavam pelo meu espírito quando caminhava pelas redondezas do Solar Monlevade. Era época em que estávamos, meu familiares e eu, mais ou menos ajustando-nos à cultura do mundo metalúrgico de Monlevade e, tal como ocorria com os monlevadenses dos anos 50, tudo na imagem daquele casarão transpirava a diferença da realidade em que vivíamos. No meu imaginário, os restos da antiga fundição, e a sede de sua fazenda, eram propriedades inacessíveis para crianças, como nós, moradores da Vila Tanque, filhos de operários da Belgo Mineira. E eu, mesmo que não entendendo minhas fraquezas de formação, inclusive cognitivas, de certa forma perguntava-me: Quem morou aqui após a morte do Engenheiro Monlevade? Seus filhos montavam pôneis? Parece abandonada... O diretor Louis Ensich não pode morar aqui, pode? Algum antepassado do meu avô, o negro Kelé, morou em sua senzala? Teve cova de sete palmas no cemitério do Social? Ora, muitas vezes perguntamo-nos novamente por coisas que no passado não havíamos sabido suas respostas, mas ocorre-me por instantes a lembrança de que, nós, seres humanos, somos animais de duas patas, e que temos uma



Solar Monlevade, onde morou Jean Monlevade, é um dos patrimônios históricos

delas secretamente fincada no passado e, a outra, a ser secretamente fincada no futuro. É ideia que vez por outra passa por minha cabeça...

Mas, retomando, ocorre-me também ser muita ousadia de minha parte tentar escrever de novo, ainda que brevemente, sobre qualquer coisa que se refira ao Solar da família Monlevade já que, fisicamente, por razões inconscientes ou não, nunca visitei nem seu interior nem seu pátio, enfim, pode ser que seja estratégia que adotei para mantê-lo intacto diante das minhas antigas fantasias infantis. E eu disse, de novo, porque lembrei-me de já ter fantasiado um jantar imaginário, acontecido no Solar, no meu recém publicado O Livro de Sofia. Terá sido inconsciente essa tentativa em conjecturar sobre o cotidiano da família de Monlevade? Enfim, se bem que ainda com dúvidas, vou transcrevê-la abaixo, obviamente adaptada ao formato desse pequeno texto (que os caríssimos leitores julguem a sua validade!)

“... Os cômodos de minha propriedade estão ao seu dispor, caro Raimundo. Fique e compartilhe nossa mesa e pernoite conosco em meu solar Guiado por Monlevade, chega Drago Raimundo à sala de jantar. Tem à sua frente extensa mesa montada com garfos à esquerda dos pratos, suas pontas estão viradas para cima e voltadas para o centro. Facas e colheres estão à direita de quem se assenta, ten-

do as últimas sido cuidadosamente colocadas com seus lados côncavos virados para baixo. Já a porcelana de serviço é adornada com figuras e bordas douradas dando ideia de ser mercadoria proveniente das terras do Império Chinês Próximo à cabeceira da mesa, Monlevade fala com a esposa o que, ao que parece por sua cara de enfado, ela está cansada de saber. Drago Raimundo repara que se trata

“Quem morou aqui após a morte do Engenheiro Monlevade? Seus filhos montavam pôneis? Parece abandonada...”

FOTO: MARLEY MELLO



e

FOTO:MARLEY MELLO



os do município

de negócios, mas por sua vez não há sinais de empáfia em sua voz Estou ciente, Clarinha, de que Pedro II diz ser eu o dono da mais qualificada fundição do império... Uma negra idosa, muito limpa e engomada, chega ao portal do salão e, com gesto respeitoso, pede licença e avisa chegada de outro convidado para o jantar daquela noite. Pelo sorriso do Engenheiro, Drago Raimundo pensa, é personagem recorrente nos banquetes desse solar. Seu anfitrião agradece à serviçal, merci beaucoup! Muito obrigado, dona Francisquinha! Retirando-se, a escrava sorri também porque vê que Drago Raimundo havia se surpreendido agradavelmente. Muita gente fica surpreendida quando de facto fica sabendo que seu sinhô fala o português sem sotaque algum e que é, de facto, um lorde! Há nobres, a maioria deles, sabe a Francisca desde tempo em que fora pertencente à família da condessa do Barral, que não costumam agradecer a escravos por obrigação cumprida com zelo. Enfim, ela está ainda a sorrir discretamente quando a visita anunciada finaliza entrada no ambiente”.

Igualmente, caríssimos, há cerca de treze, catorze anos, referi-me a extratos de correspondência entre Monlevade e o engenhoso arquiteto francês do século dezenove, Granjean de Montigny. Aproveito para lembrá-los aqui porque seus conteúdos, basicamente, diziam respeito a negociações para elaboração de projeto de construção não apenas do solar em si, como também das suas demais edificações, po-

mares e quintais. O texto completo pode ser visto na obra Jean Monlevade, do Castelo à Forja, de 2009.

“.... Daí Montigny ter tomado conhecimento do pedido de Monlevawde, solicitando-lhe gentilmente que fizesse planta baixa e fachada de residência solar que gostaria de edificar em terreno ainda a ser localizado e passível de compra. Mas, em termos gerais, Monlevade afirmou-lhe, como cliente, peço-lhe que o arranjo seja feito conforme minhas intenções. Em anexo, o senhor, professor Montigny, encontrará planta de locação a ser seguida e que deverá ser concretizada seja in natura ou seja no cabo de enxadas e picaretas. Também enviava desenho que fizera ilustrando as florestas e montanhas do entorno. As disponibilidades de água e benfeitorias seriam tais e tais... Pedia preço e dizia aguardar resposta mais breve possível. Por fim, ressaltava ter consciência das grandes empreitadas em que Montigny provavelmente estava engajado, mas seria honroso ter a participação de tão grande talento a seu serviço. Dois meses foram bastantes para que a resposta e o desenho de Montigny chegassem e, junto com ele, recomendação para que fosse construído com detalhamento a ser feito pelo próprio Monlevade. Falta-me tempo, Montigny argumentou. Além do

FOTO:MARLEY MELLO



MAIS SOBRE O AUTOR:



que, não costumo executar nem mesmo rascunhos sem visitar o sítio das obras. Estou tratando o seu caso, caro Monlevade, como uma exceção Peço levar tal fato em consideração se for encontrado qualquer defeito nas ideias que lhe envio Daí Jean partiu para a compra do local idealizado”.

Certamente, caríssimos, muitos moradores importantes da região de São Miguel do Piracicaba viram a luz do sol pela primeira vez nas dependências do Solar”

Certamente, caríssimos, muitos moradores importantes da região de São Miguel do Piracicaba viram a luz do sol pela primeira vez nas dependências do Solar”

Sua imagem atual é a mesma a que assisti em minha

infância.

Agora, concluindo, o desejo de quem vos escreve é o de que, sob o guarda-chuva da ArcelorMittal, o velho Solar, com seus quase duzentos anos, prossiga despertando memórias, sensações e indagações infantis aos pequenos estudantes monlevadenses dos dias atuais e do futuro; ainda que não iguais às que, creio, andaram encantando as crianças da minha geração



(*)Jairo Martins de Souza é monlevadense e escritor, autor dos livros: “Bazar Monlevade – Por Trás das Vitrines”; “Dossiê Monlevade – o Processo do Bazar”; “Jean Monlevade: Do Castelo à Forja”; “1950, Entre Noivos – o Boticário e a Normalista”, “O Decano” e o “Livro de Sofia”

Criar ou copiar? Eis a questão!

O DILEMA ENTRE COMPOR E FAZER COVERS

(*) Marcos Martino

SINAL FECHADO

Na década de 80, havia muitas bandas que faziam som autoral. Toda banda tinha de ter suas próprias músicas, gravar seus CDs e tentar conquistar os públicos. Claro que sempre houve música cover, com bandas tocando as músicas já conhecidas do público. Antigamente, os conjuntos de baile faziam uma verdadeira coletânea de covers. Quando a banda imitava bem, as pessoas comentavam: “- que bandão hein? Toca igualzinho ao original!” Mas ainda assim havia espaço para as autorais.

AVALANCHE DE COVERS

Mas aí começou um fenômeno novo. As bandas covers passaram a tocar exclusivamente as bandas de sua preferência. Acho que a primeira banda mais “coverada” foram os Beatles. Inúmeras bandas tocavam o som dos quatro caras de Liverpool. Depois, teve de todo mundo: Rolling Stones, Creedence, U2, Pink Floyd... e de repente havia mais covers que originais no mercado.

CONTRATANTES

E fazer só cover foi muito interessante comercialmente. Como contratar a banda original ficava muito caro, contratar as covers ficava muito mais barato e lucrativo. O público também podia se divertir sem pagar caríssimo pelos ingressos. E, com isso, as bandas e as casas noturnas foram abandonando as autorais...

IRONIA

Vendo que o mercado de Curitiba só contratava Covers, uma banda local fez cover de si próprio. Já teve empresário de banda cover que dizia que a sua banda era melhor que a original. Há alguns “coverseiros” que, se bobear, são mais arrogantes que os originais e ainda tiram onda. Dia desses, um dono de casa noturna me falou: - Para que tanta música nova? Já temos músicas demais no mundo...

E QUEM TEM AUTORAIS?

Resta a alternativa de criar, produzir e postar na internet para conhecimento do público. Mas comercialmente, muitas vezes o fato de você publicar autorais pode atrapalhar na venda de shows. Já vi situações em que o contratante optou por outra banda, simplesmente pelo fato da banda em questão ter trabalho autoral divulgado.

REJEIÇÃO

É uma situação complicada. O público de hoje não quer apenas prestar atenção num show. Quer participar, quer cantar junto.

Música nova, música desconhecida não permite essa interação. Sente-se desconfortável em shows de músicas não familiares. Se tiver na mesma noite, um show de uma banda cover e outro show de banda autoral, adivinhem qual vai lotar mais?

SOLUÇÃO?

Fazer as autorais ficarem conhecidas. Conseguir divulgar pelo menos uma música ou mais em mídias de massa. Mas não pode ser tipo tocar uma vez ao dia numa rádio. Isso não provoca retenção. Isso pode provocar curiosidade e o público querer ver mais. Campanhas de impulsionamento na internet também podem funcionar. A saída mais usual é dos artistas tentarem a sorte no em outros estados. Skank, Jota Quest, Pato Fu, Tianastácia, quase todos os artistas mineiros só conseguiram se tornar conhecidos quando tiveram seus trabalhos legitimados pelas mídias preponderantes, principalmente, a Rede Globo.

E DÁ PRA FAZER AUTORAL SENDO LOCAL?

Tudo é possível. Quem quer colocar na roda o seu trabalho autoral e fazer show até consegue, fazendo um planejamento com boa antecedência, fechando com uma casa de eventos num esquema que seja bom para as partes, buscando patrocinadores, fazendo um trabalho persistente de venda antecipada, divulgação massiva, aproveitando todas as brechas de mídia, no mundo virtual, em todos os espaços possíveis. Aí pode dar certo. Resta saber se será comercialmente interessante para os contratantes. Só se pegar...

FESTIVAIS

Os Festivais de música são os únicos espaços remanescentes, onde a música autoral tem espaço. Mas o próprio mercado rejeita. A Rede Globo já fez belos festivais, a Record também. Não sei por que, mas pararam. Temos ainda alguns focos de resistência, como o Festival da Canção em Alvinópolis, que já está na 39ª edição. Mas só Deus sabe o esforço para convencer os políticos a manterem esse evento. O que já teve de gente jogando contra, falando na cabeça dos prefeitos: “Ah, prefeito. Festival já era. Muito melhor você colocar um show sertanejo, uma pisadinha, um funk, dá muito mais ibope e voto”.



(*) Marcos Martino
é alvinopolense,
compositor, ativista
e multiartista

Câmara e a história do município

Saiba mais sobre a fundação da cidade de Monlevade

Você sabia que a Câmara Municipal de João Monlevade começou a funcionar em 1965? Naquele ano, foram abertos os trabalhos de sua instalação, em solenidade realizada no Salão Nobre da Prefeitura. A sessão começou às 13h45min, do dia 5 de dezembro e foi presidida pelo então Juiz da Comarca de Rio Piracicaba, Murillo Furtado Gomes.

No entanto, os fatos históricos que resultaram na emancipação de João Monlevade, em 29 de abril de 1964 e, na consequente instalação do Poder Legislativo Municipal, começaram a ser escritos ainda no século XIX, com a chegada ao Brasil do engenheiro francês Jean Antoine Felix Dissandes de Monlevade.

Com 28 anos, Jean de Monlevade desembarcou no Rio de Janeiro no dia 14 de janeiro de 1817. Formado em Engenharia de Minas, o jovem francês seguiu para a província de Minas Gerais, onde tempos depois, adquiriu terras na comarca de São Miguel do Piracicaba. Ali, ele construiu sua Forja Catalã e sua moradia, o Solar Monlevade.

A partir de 1827, o francês constituiu sua família, casando-se com a sobrinha do Barão de Catas Altas, Clara Sophia de Souza Coutinho, com quem teve dois filhos, João Pascoal e Mariana. Jean de Monlevade veio a falecer em 14 de dezembro de 1872.

Próximo às terras do francês formou-se gradativamente um pequeno povoado, constituído principalmente de agricultores. Cortados por alguns córregos, as terras eram relativamente férteis, o que possibilitava aos habitantes do lugarejo tirar o seu sustento. Vestidos geralmente de branco, os habitantes do pequeno povoado atravessavam as colinas da região, o que lhes rendeu o apelido de “Carneirinhos”, nome que posteriormente seria dado àquela localidade.



REPRODUÇÃO

Primeira composição da Câmara Municipal de João Monlevade

MUNICÍPIO

Durante vários anos, Carneirinhos viveu à sombra do progresso que vinha das terras de Monlevade e na dependência econômica de Rio Piracicaba, sede do município desde 1911. Em 27 de dezembro de 1948, com a promulgação da Lei Estadual número 336, criou-se o Distrito de João Monlevade, integrando numa só circunscrição administrativa as antigas terras de Jean de Monlevade e as propriedades dos Carneirinhos, desanexadas do município sede que era Rio Piracicaba.

PARÓQUIA

Com a elevação do distrito de João Monlevade ocorreu a criação da Paróquia São José Operário e a nomeação do seu primeiro pároco, o Cônego José Higino de Freitas. Em seguida começaram a funcionar várias entidades e órgãos de grande valor histórico para o distrito: em 1949 foi instalado o Cartório de Registro Civil, em 1951 foi criado o Sindicato dos Trabalhadores Metalúrgicos, em

1952 foi inaugurado o Hospital Margarida, em 1955 foi criado o Ginásio Monlevade. Com o crescimento cada vez mais latente do então distrito, em 1958 foi formada a Comissão Pró Emancipação.

EMANCIPAÇÃO

Como o próprio nome sugere, a Comissão de Emancipação foi criada com o intuito de lutar pela emancipação de João Monlevade. Integraram a Comissão: o presidente Germin Loureiro; os membros Randolpho Moreira de Souza, José Loureiro, Alberto Pereira Lima, Wander Wanderley de Lima e Carlos Caldeira; os colaboradores Vereador Benedito Marcelino, Padre João Batista Gomes Neto, Geraldo de Paula Santos, Antônio Loureiro Sobrinho, Gentil Bicalho, Oswaldo Silva, Olímpio Carvalho Lage, José Pedro Machado, Astolfo Linhares, Alonso Leite, Raimundo José Caldeira e Pedro José Caldeira. Após movimentarem os corredores da Assembleia Legislativa de Minas Gerais, a Comissão de Emanci-

pação conseguiu que em 29 de abril de 1964, o distrito de João Monlevade fosse elevado à categoria de município.

Consumada a emancipação, foi nomeado intendente, Bolívar Cardoso da Silva, que instalou o Governo Municipal. Em seguida foram realizadas as primeiras eleições municipais, e no dia 5 de dezembro de 1965 foi instalada a primeira Câmara Municipal, constituída dos primeiros vereadores: Sebastião Batista Gomes (Presidente), João Amaro Gomes (vice-presidente), Ronaldo Frade (Secretário), Acrísio Engrácio Pires, Amaro Zacarias Gorgozinho, Carlos Caldeira, Francisco Rosa Alves, Jonathas de Oliveira, José Ferreira Soares, José de Oliveira Couto, José Pedro Machado, Laudelino Antônio da Fonseca e Vicente Corrêa Domingues.

Após a posse dos vereadores, em palanque armado na Praça Sete de Setembro, essa Câmara Municipal empossou o primeiro prefeito de João Monlevade, Wilson Alvarenga, e seu vice-prefeito, Josué Henrique Dias.

(Com informações da Câmara Municipal de João Monlevade)

Aniversário de Monlevade: Mais histórias e curiosidades

O aniversário de João Monlevade é comemorado no dia 29 de abril. A cidade concentra inúmeras qualidades que a tornam referência regional e fazem dela, uma das mais prósperas cidades mineiras.

Cheia de história em seus 60 anos de fundação, Monlevade se destaca por sua localização estratégica, hospitalidade, empreendimentos internacionais, universidades, boa qualidade de vida e facilidade de fazer negócios.

Você sabia?

- A mina do Andrade, que hoje pertence ao território de Bela Vista de Minas, pertencia às terras de Jean Antoine Félix Dissandes de Monlevade. Além disso, ela foi um dos fatores determinantes para a instalação da Usina da então Belgo, em 1935.
- O Hospital Margarida, fundado em 1952, tem esse nome em homenagem à Marguerite Enschede, mãe de Louis Enschede, engenheiro que construiu a Usina e edificou a cidade.
- Louis Enschede construiu cerca de 3000 casas para os operários. Inclusive, a Vila Tanque, considerada a primeira vila operária planejada da América Latina.
- Enschede, na verdade, construiu tudo o que havia em Monlevade: Clube Social, Escolas, Praça do Mercado, Praça do Cinema, Hotel Cassino, Clube Caça e Pesca, Igreja São José Operário e ruas do entorno.
- Henry Meyers, que dá nome ao antigo Clube Caça e Pesca, foi um engenheiro luxemburguês. Ele foi gerente da Usina de Monlevade.
- Avenida Aeroporto tem esse nome porque ela levava até o campo de aviação. Por ser praticamente em cima da Usina, o aeroporto ali nunca decolou, devido a riscos de acidentes.
- Não existe a expressão centro de Carneirinhos. Esse é o nome da região central do município. Diga apenas Carneirinhos...
- A Igreja São José Operário é a primeira Igreja de João Monlevade e símbolo da cidade. Foi construída em apenas três anos: de 1942 a 1945. O projeto é do Engenheiro Arquiteto húngaro, Yaro Burian. Única no mundo em forma de V, homenageia os três v de Cristo: Vereda (caminho), Veritas (verdade) e Vita (vida). O V também é uma alusão à vitória dos aliados, saudando o fim da II Guerra Mundial.
- O bairro Cruzeiro Celeste era conhecido como "Jacuí de Cima". O atual bairro Jacuí, era "Jacuí de baixo".

No cassino, nunca funcionou um cassino de jogos. Ali era um requintado hotel em cujo salão havia glamorosas recepções. Ele tem esse nome porque o prédio é inspirado no cassino de Luxemburgo.

FOTO: ERIVELTON BRAZ

João Monlevade
Aqui é o Meu Lugar!

19 e 20 de abril Sexta e Sábado
Praça do Povo
FEIRA DE ECONOMIA POPULAR SOLIDÁRIA
Sexta das 15h às 22h
Sábado das 7h às 15h

27 de abril Sábado
Praça do Povo
16h | Ciro Tã no Ar
17h | SOUL DO JOTTA
18h | ZÉ MAURO e Banda

28 de abril Domingo
Praça do Povo
15h | MPBaisinhos - ESPETÁCULO MUSICAL CIRCENSE INFANTIL
16h | BAILE DO MADRUGA
17h | RÔMULO RAS 40 ANOS DE CARREIRA
18h | BANDA DO BLOCO ENTÃO BRILHA

29 de abril Segunda
Praça do Povo
15h | Festival de BANDAS GOSPEL LOCAIS

1 de maio Quarta Novo Cruzeiro
CIRCUITO CULTURAL
13h às 20h
RUA NOVA YORK (EM FRENTE AO BEM VIVER)
13h | DIVERSÃO EM CENA Fumanchu e Derival Uma Dupla especial
14h | ÁUREA GOLD/SAMBA & PAGODE
15h | SABRINY & MAX
16h | MATÉRIA PRIMA - RAP
ÁREA DE RECREAÇÃO, FEIRINHA GASTRONÔMICA

Thalles Roberto 21h

Zeca Baleiro 21h

Diogo Nogueira 21h

Ouçã jingle Eu ♥ JM

ROTHA CULTURAL | JOÃO MONLEVADE | SECRETARIA MUNICIPAL DE ESPORTE E Lazer | CASA DE CULTURA